

NÚMERO DOIS



Neste segundo número da Revista da Universidade de Lisboa prosseguimos o propósito de dar a conhecer as atividades, estruturas e pessoas que são a vida da instituição. No encerramento da celebração dos 110 anos do Instituto de Ciências Sociais e Políticas, conversámos sobre a história e a realidade presente da Escola com o seu Presidente, o Professor Manuel Meirinho, e com a personalidade maior da reestruturação contemporânea do Instituto, o Professor Adriano Moreira.

Entrevistámos também o Reitor da Universidade, o Professor António Cruz Serra, nesta fase de conclusão do seu mandato, abordando com ele as questões que foram sucessivamente suscitadas pelo processo de fusão originário da nova Universidade. Questionámo-lo ainda sobre o que afeta hoje o ensino superior no país e sobre o que lhe parece ser o futuro desejável da Universidade de Lisboa.

Damos ainda a conhecer o Estádio Universitário nas suas diversas estruturas e modalidades, tal como estas se oferecem à comunidade da ULisboa, aos estudantes de qualquer outra universidade e ao público em geral, e completamos essa descrição alongada com uma nota sobre o magnífico Ginásio Museu da Faculdade de Motricidade Humana.

Além disso, expomos em detalhe a bem-sucedida experiência de criação de um espaço de estudo permanente, o Caleidoscópio, que disponibiliza as suas amenidades a estudantes da Universidade e de dezenas de outras instituições de ensino.

A secção de Notícias e a de escolha de 4 Coisas eletivas de alguém com quem gostamos de falar, assim como o relevo dado a participantes em importantes projetos de investigação, irão tornar-se habituais em sucessivas edições. •

ÍNDICE



- 1** **Editorial**
- 2** **Índice**
- Notícias**
- 3** Aconteceu
- 6** Vai acontecer
- 7** **4 Coisas**
José Maria Brandão de Brito
- 8** **Adriano Moreira**
«De Ciência Política e Estratégia tomei eu conta – introduzi-as.»
- 12** **Caleidoscópio**
Estudar no Jardim: o Centro Académico da ULisboa
- 16** **António Cruz Serra**
«Construir uma grande universidade de investigação.»
- 22** **Estádio Universitário de Lisboa**
Um dia no maior parque desportivo da cidade
- 30** **Ginásio Museu Leal de Oliveira**
Património e motricidade
- 32** **Bolsas ERC na ULisboa**
Sara Magalhães

FICHA TÉCNICA

Edição e propriedade: **Universidade de Lisboa** · Área de Arquivo, Documentação e Publicações
 Diretor: **António M. Feijó** | Coordenação Executiva: **Ana Silva Rigueiro**
 Redação: **Ana Cláudia Santos** e **Helena Carneiro** | Produção e comunicação: **Filipa Ruela Soares**
 Fotografias: **Francisco Torgal**, **Jorge Fernandes**, **José Furtado**, **Miguel Grincho**, **Susana Ribeiro Martins**, **Tiago Antão**
 Foto de capa: **Tiago Antão** / Grupo de Fotografia FFUL
 Foto de verso de capa e contracapa: **Francisco Torgal** / Grupo de Fotografia FFUL
 Design: **A Bunch of Susans**

Periodicidade: **março, maio, outubro e dezembro** | Assinaturas e distribuição: imprensa@reitoria.ulisboa.pt
 Impressão: **Guide Artes Gráficas, Lda.** | Tiragem: **10.000 exemplares**
 Depósito legal: **422041/17** | ISSN: **2183-8844**

Contactos gerais: **Imprensa da Universidade de Lisboa**
 Alameda da Universidade · Cidade Universitária · 1649-004 Lisboa · Portugal
 Tel.: +351 217 904 750 - Ext. 19 750 | E-mail: imprensa@reitoria.ulisboa.pt

Distribuição Gratuita



© Universidade Pedagógica



O Reitor da Universidade Pedagógica, Jorge Ferrão, e o Reitor da ULisboa, António Cruz Serra

ULisboa em Moçambique

A ULisboa esteve em Moçambique, numa visita cujo objetivo foi o desenvolvimento de projetos para a troca de experiências entre professores universitários dos

dois países. Nesse âmbito, decorreu a 1 de fevereiro, no Centro Cultural Português de Maputo, uma sessão de apresentação da oferta formativa a estudantes do ensino secundário e universitário, que contou com a presença de mais de 140 alunos. Foi ainda formalizada a doação de um total de 8.671 monografias às seguintes instituições moçambicanas: Biblioteca Nacional de Moçambique, Centro Cultural da Beira, Centro Cultural Português de Maputo, Universidade Católica, Universidade Pedagógica, Universidade de Zambeze, Universidade de Lúrio, Universidade Eduardo Mondlane. A doação visou apoiar a prossecução das atividades de ensino, investigação, e divulgação cultural e científica dessas instituições, tendo contado com a participação das 18 Escolas, da Reitoria e dos Museus da ULisboa.

© Espólio pessoal de João Duarte



Prémio EGU

Investigador da Faculdade de Ciências

O prémio anual da União Europeia das Geociências (EGU) foi entregue a João Duarte, investigador do Instituto Dom Luiz – onde coordena o grupo de geologia e geofísica marinha – e do Departamento de Geologia da Faculdade de Ciências. O prémio reconhece o trabalho de exceção realizado por investigadores em fase inicial de carreira, a nível mundial, e foi pela primeira vez atribuído a um cientista que trabalha em Portugal. João Duarte foi reconhecido pela investigação desenvolvida na área da geologia marinha e tectónica.

App ISEG

O Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG) e a Fundação Vodafone Portugal lançaram, no dia 24 de janeiro, uma aplicação gratuita para a comunicação em tempo real entre alunos, docentes e serviços administrativos. A *app* disponibiliza o mapa das instalações do ISEG, indicando os percursos para as salas de aula, auditórios, cantina, multibanco e biblioteca. Permite consultar conteúdos curriculares, classificações, prazos de entrega de trabalhos, horários de aulas, conta corrente dos alunos, livros disponíveis na biblioteca, ementa da cantina, disponibilidade de parqueamento, assim como gerar declarações em tempo real e receber notificações de prazos. Está disponível para iOS e Android, em português e em inglês.



Professores Visitantes na FLUL e Distinção para a Diretora do Instituto Confúcio

A 6 de janeiro, a ULisboa e o Indian Council for Cultural Relations assinaram um Memorando de Entendimento para a criação da Cátedra de Estudos Indianos, a primeira em Portugal. Terá sede na Faculdade de Letras (FLUL) e contempla a vinda de um Professor Visitante por dois anos, a partir de 2017/2018. Nessa altura, e pelo mesmo período, a FLUL contará também com um Professor Visitante de Estudos Coreanos, atribuído à ULisboa pela Korean Foundation.

Nos dias 10 e 11 de dezembro de 2016, no congresso anual do Hanban (organismo governamental chinês responsável pelo ensino de língua no estrangeiro), a Prof.ª Teresa Cid, Diretora do Instituto Confúcio da ULisboa (ICUL), foi distinguida com a medalha 2016 Confucius Institute Individual Performance Excellence Award, em reconhecimento do trabalho desenvolvido pelo ICUL. Nesta ocasião, foi ainda assinado o protocolo de renovação do acordo de parceria entre a ULisboa e a Universidade de Estudos Estrangeiros de Pequim.

Liu Yandong, Vice-primeira-ministra chinesa, e Prof.ª Teresa Cid



© IFSU (Tianjin Foreign Studies Univ.)



Museu Faraday Inauguração

Foi inaugurado a 6 de fevereiro o Museu Faraday, dedicado à história da eletricidade e da eletrotécnica. A partir do trabalho de organização do material dos laboratórios afetos ao Departamento de Engenharia Eletrotécnica e de Computadores (DEEC) do Instituto Superior Técnico (IST), Carlos Ferreira Fernandes e Moisés Piedade, professores desse departamento, tiveram a ideia de fazer um museu. Situado no antigo Pavilhão da Eletricidade do IST, o Museu

reúne mais de 600 equipamentos científicos e históricos dos séculos XIX e XX. Com sete salas, divididas em três áreas temáticas – Instrumentação; Escrita e Computação; Áudio, Rádio, TV e Comunicações –, o Museu herda o nome de Michael Faraday (1791-1867), cientista inglês que inovou nas áreas da química e da física experimentais. O acervo é composto por peças provenientes do IST, mas também de espólios e doações particulares. Além de eletrômetros, galvanômetros, transmissores e recetores de rádio, e calculadoras, é possível ver um gerador/motor Gramme, de 1879, um gravador de fita magnética Stellavox, de 1950, ou um telefone de Gower-Bell, de 1882. A cerimónia de inauguração do Museu decorreu no Salão Nobre do IST e contou com as intervenções do Prof. Luís Castro, Vice-presidente do IST, do Prof. Leonel Sousa, Presidente do DEEC, do Prof. Jorge Calado, Professor Emérito do IST, e do Reitor António Cruz Serra.

Crowdfunding

Restauro do acervo artístico da FBAUL

De outubro a dezembro de 2016, a Faculdade de Belas-Artes (FBAUL) realizou a 1.ª edição do projeto de *crowdfunding* «Apoie o Restauro». A iniciativa pretendeu angariar financiamento para o restauro do espólio artístico da FBAUL, reunido ao longo dos seus 180 anos, e que conta com obras de milhares de artistas. Na inauguração do evento foram expostas sete obras representativas dos acervos de Pintura, Escultura, Desenho Antigo e Gravura Antiga, da autoria de Artur Alves Cardoso, João Pedro Monteiro, Simões de Almeida (Sobrinho), Francesco Bartolozzi e Pedro Cabrita Reis. Foi garantido o restauro de três destas obras, entre as quais *Au Soir*, de Artur Alves Cardoso. O dizer de cariz político



Au Soir (1903)

patente na obra, proveniente de um ato de vandalismo do período revolucionário de 1974/75, indica «Viva a Aliança Operário Camponesa». Está a ser preparada uma 2.ª edição desta iniciativa.



Maria da Graça Carvalho e Inês Godet

Prémio Maria de Lourdes Pintasilgo 1.ª Edição

Foi entregue a Maria da Graça Carvalho, membro da Unidade de Aconselhamento Científico da Comissão Europeia e Relatora do Programa Horizonte 2020, e a Inês Godet, aluna de doutoramento na Johns Hopkins University, na área da Engenharia Química e Biomolecular. Criado em 2016 pelo Instituto Superior Técnico (IST), o prémio tem como objetivo distinguir anualmente duas mulheres formadas pelo IST: uma antiga aluna que tenha completado o seu ciclo de estudos há mais de 15 anos, com contribuições profissionais e sociais de reconhecido mérito; e uma recém-graduada do IST que tenha sobressaído pela qualidade científica da dissertação de mestrado. Em homenagem a Maria de Lourdes Pintasilgo, *alumna* do Técnico que se distinguiu em várias áreas da sociedade portuguesa, o prémio chama a atenção para a questão da igualdade de oportunidades. A cerimónia de entrega decorreu a 9 de fevereiro, no Salão Nobre do IST.



Mónica Truninger

SafeConsumE ICS no Horizonte 2020

O Instituto de Ciências Sociais (ICS) é um dos 32 parceiros, de 14 países europeus, que compõem o consórcio do projeto SafeConsumE. Financiado no âmbito do Desafio Societal 2 do programa-quadro Horizonte 2020, com um valor total de 9.500.000 euros, nos próximos cinco anos (2017-2022) o projeto visa compreender os contextos das práticas de compra, conservação e preparação dos alimentos, de forma a mitigar os riscos das doenças transmitidas aos consumidores. A liderar a equipa do ICS está Mónica Truninger, socióloga e investigadora deste Instituto, membro da REDE-AGRO e do Colégio F3 – *Food, Farming & Forestry*.

Museus, Coleções e Património

Decorreu no dia 13 de dezembro, no auditório do Caleidoscópio, o lançamento do livro *Universidade de Lisboa. Museus, Coleções e Património*, uma obra que inventaria o património cultural de natureza científica, histórica, artística e arquitetónica da ULisboa. O evento contou com as intervenções de Marta Lourenço, coordenadora do livro, de Fernanda Rollo, Secretária de Estado da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, de Laura Araújo e Madalena Espírito Santo, as designers do livro, e do Reitor António Cruz Serra.

As designers Laura Araújo e Madalena Espírito Santo

Prémio Jovem Enólogo 2016

A dissertação de Cíntia Alexandre Antunes Moreira, *Contributo para o estudo da influência da nanofiltração na razão isotópica 87Sr/86Sr do vinho*, foi distinguida com o prémio Jovem Enólogo 2016, da Associação Portuguesa de Enologia. A investigação foi feita no âmbito do mestrado em Engenharia Química, no IST, e insere-se na linha temática «Qualidade e autenticidade do vinho», do LEAF (Linking Landscape, Environment, Agriculture and Food) – Instituto Superior de Agronomia.

Rogério Gaspar Na European Federation for Pharmaceutical Sciences

Rogério Gaspar, Professor da Faculdade de Farmácia e Pró-Reitor da ULisboa, foi eleito, a 8 de dezembro de 2016, membro da Direção Executiva da European Federation for Pharmaceutical Sciences – EUFEPS. Coordenará atividades nas áreas de *Science Policy*, *European Affairs* e *Regulatory Relations*.



Fotograma do filme *Cruzeiro Seixas - As Cartas do Rei Artur*

Prémio RTP Melhor Filme Português

O filme *Cruzeiro Seixas - As Cartas do Rei Artur*, de Cláudia Rita Oliveira, ganhou o Prémio do Público – Prémio RTP para melhor filme português. A realizadora é mestre em Arte Multimédia pela Faculdade de Belas-Artes, e já trabalhou com Pedro Costa, Vera Mantero e Miguel Gonçalves Mendes, tendo sido a responsável pela montagem do documentário *José e Pilar*. A obra foca a relação entre Cruzeiro Seixas e Mário Cesariny, e a sua estreia no Doclisboa contou com a presença do primeiro. O filme teve estreia comercial a 5 de janeiro, em Lisboa e no Porto.



© Augusta Conceição Silva

Projetar a Cidade com a Comunidade

Workshop

O *workshop* terá lugar de 3 a 7 de abril, na Faculdade de Arquitetura. Consistirá numa formação sobre os processos e as práticas de projetos participados em Arquitetura e Urbanismo, com vista à elaboração de propostas de co-design para submissão ao programa Bairros e Zonas de Intervenção Prioritária (BIP-ZIP) e ao Orçamento Participativo de Lisboa. Os intervenientes usarão um processo participado numa área BIP-ZIP em Lisboa, para desenvolver ideias de intervenções urbanísticas em conjunto com parceiros e com a comunidade que já trabalha nesse local.



David Rodrigues, António Sampaio da Nóvoa e João Costa

Inclusão

Ciclo de Simpósios

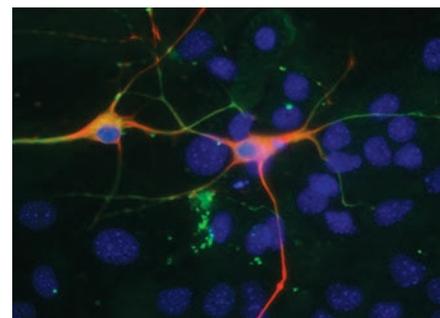
Organizado pelo Instituto de Educação (IE) e pela ONG Pró-Inclusão, o ciclo visa debater temas como a formação de professores, o currículo, os apoios escolares, assim como a situação dos refugiados e os direitos humanos. Teve início a 18 de janeiro com António Sampaio da Nóvoa e João Costa (Secretário de Estado da Educação). As próximas sessões decorrerão a 15 de março (Jorge Lacão e David Rodrigues), 19 de abril (João Couvaneiro) e 17 de maio (Laborinho Lúcio), no Auditório 2 do IE, das 17h30 às 19h.

ELA

2.ª Edição

Decorrerá a 28 e 29 de abril, na Faculdade de Farmácia, a 2.ª edição do Simpósio «Esclerose Lateral Amiotrófica (ELA): Ciência e Sociedade». Será abordado o que de novo se tem feito na investigação das causas da doença e seu diagnóstico, bem como as dificuldades no desenvolvimento de novos medicamentos. Haverá uma exposição interativa com dispositivos robóticos e espaços abertos de laboratórios experimentais – *Open Lab Stations* –, onde os investigadores executarão algumas técnicas e explicarão o seu trabalho.

Imagem de neurónios motores em cultura primária



© Maria Barbosa, Laboratório de Investigadora Dora Brites (NeuronGlia@MedULisboa@FLULisboa).

(Des)constrói o teu percurso

2.ª Semana de Empregabilidade

A Faculdade de Letras (FLUL) promove, entre 3 e 7 de abril, esta iniciativa destinada a todos os alunos e recém-graduados da FLUL. O objetivo é a preparação para o mercado de trabalho e o reforço da importância do desenvolvimento de competências transversais de empregabilidade. A 1.ª edição teve lugar em maio de 2016.

O programa da 2.ª edição incluirá conferências, laboratórios de ideias, *workshops* e um momento de *speed networking*, contando com a participação de antigos alunos, profissionais de várias empresas nacionais e multinacionais, docentes, representantes de entidades parceiras da FLUL e de organizações promotoras de atividades complementares à formação académica.



Seminário Nacional «Nós Propomos!» IGOT

O Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) coordena desde 2010 o projeto «Nós Propomos! Cidadania e Inovação na Educação Geográfica». A 2 de maio tem lugar o Seminário Nacional, em que jovens do ensino secundário apresentam propostas de resolução de problemas locais por si identificados – como a recuperação de um edifício abandonado, a alteração do percurso de uma carreira de transportes públicos, ou a instalação de equipamentos de lazer num espaço público. Estas propostas são divulgadas à comunidade e algumas têm sido assumidas pelas autoridades locais.

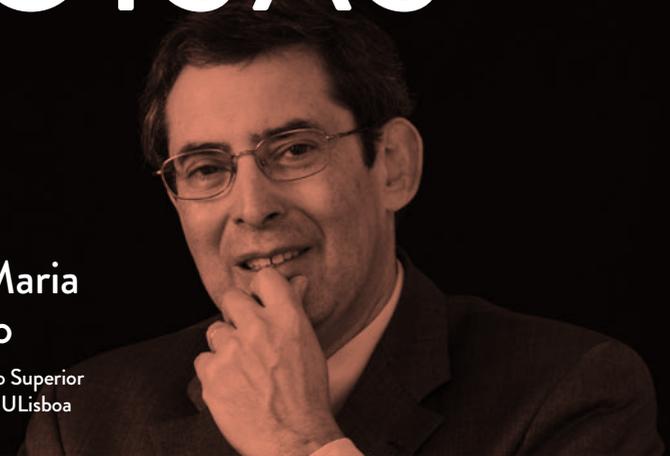


O projeto é apoiado pela Direção-Geral de Educação e abrange mais de 50 escolas do ensino secundário de todo o país, envolvendo mais de 1.000 estudantes. Mais informações em: <http://www.igot.ulisboa.pt/projeto-nos-propomos/>

4 COISAS

Professor José Maria Brandão de Brito

Professor Catedrático do Instituto Superior de Economia e Gestão (ISEG) da ULisboa



Tartaruga

Sou um colecionador compulsivo desde miúdo. Entre as várias coleções possíveis, escolhi a das tartarugas. São dezenas, de todos os tamanhos, e feitas de materiais como madeira, ferro, mármore ou porcelana. Tudo começou com a que comprei no mercado de Kingston (Jamaica), em 1982. É um magnífico trabalho de artesão. Mas as suas origens são tão diversas que me parece que tenho a aldeia global cá em casa.



Livro

Em minha casa, os livros são uma espécie infestante que, depois de ter ocupado estantes e prateleiras, cresce pelas paredes como uma trepadeira. Ah! o prazer e o embaraço da escolha... *A Sibila* da Agustina? *As Naus* de Lobo Antunes? *Maina Mendes* de Maria Velho da Costa? Ramos Rosa? *O Delfim* de Cardoso Pires? *Pequenos Burgueses* de Carlos de Oliveira? *Memorial do Convento* de Saramago? E todos os outros que li?



PC

Já ninguém se lembra de que o primeiro PC da IBM tem pouco mais de 35 anos. Parece que nasceu connosco, o que me leva a questionar como foi possível ter vivido tanto tempo sem ele. Só lhe dei valor quando, um dia, a minha casa foi assaltada e o meu portátil roubado. Num ápice apercebi-me de que uma parte essencial da minha vida se tinha perdido. Nunca mais me esqueci de fazer *backup*...



Viktoria Mullova

Concerto para violino

Quando se tem a casa cheia de música, porque a filha mais nova é uma pequena violinista e ensaia horas sem fim, a música é uma «coisa» que ocupa um lugar especial no meu dia a dia. E, longe de me faltar, cada vez gosto mais. Aqui defino uma «coisa» em forma de concerto: o concerto para violino de Sibelius, tocado pela grande Viktoria Mullova. Sublime!



ENTRA NESTA
aventura rumo



FICA ATENTO!

www.ulisboa.pt/verao17

ADRIANO MOREIRA ISCSP

Página de abertura
Adriano Moreira
entrevistado em sua
casa, no Restelo



«DE CIÊNCIA POLÍTICA
E ESTRATÉGIA TOMEI EU CONTA –
– INTRODUZI-AS.»

Adriano Moreira é indissociável do segundo meio século do Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCSP). A propósito do encerramento das celebrações dos 110 anos desta instituição, fomos a casa do Professor Emérito registar o seu testemunho sobre os anos cruciais para a afirmação do ISCSP.

Depois de acabar o curso [de Direito], fui convidado para professor da Escola Superior Colonial pelo Professor António Augusto Esteves Mendes Correia, da Universidade do Porto, Presidente da Sociedade de Geografia e Diretor da Escola. Fui nomeado, sensivelmente por esse tempo, delegado de Portugal às Nações Unidas. Costumo chamar a isso a minha segunda queda no mundo, porque me apareceram todas as áreas culturais do mundo, pela primeira vez na história da humanidade, a falarem em liberdade, dizendo o que pensavam. Estavam a insurgir-se por o texto das Nações Unidas e a Declaração Universal dos Direitos do Homem terem sido escritos apenas por ocidentais. Aprendi aí a submissão das palavras. As palavras são temperamentais – umas vezes são pacíficas, outras vezes são aguerridas, e é sempre a mesma palavra. Dou sempre como exemplo que na Declaração Universal dos Direitos do Homem está escrito que a propriedade é um direito fundamental: os americanos e os soviéticos assinaram e não estavam bem a dizer a mesma coisa. Antes disso, tinha sido encarregado pelo Almirante Sarmento Rodrigues, um homem muito sabedor e humanista da época – que era difícil –, de estudar o sistema prisional do Ultramar. Foi a minha primeira queda no mundo. Fui a todos os territórios de África, passei lá muito tempo, e fiquei surpreendidíssimo com a injustiça do ponto de vista dos direitos humanos. Isso também influenciou muito a minha atitude.

As minhas intervenções, ligo-as na articulação de três instituições a que pertencem.

Em primeiro lugar, a Marinha – acabei professor do Instituto Superior Naval de Guerra; dei lá aulas durante uns 30 anos e lá comecei o ensino da Ciência Política e das Relações Internacionais. Depois, a Sociedade de Geografia e a Universidade. Vejamos como consegui articular estas três instituições. Primeiro, no que toca ao Instituto herdeiro da Escola Colonial, entendi que a mudança do mundo obrigava a rever a estrutura da Escola, e, para isso, era preciso inscrevê-la na universidade. Havia um grande adversário disso – o Dr. Marcello Caetano. Fui ao nosso [da Universidade Técnica de Lisboa] Reitor da época, o Professor Amzalak [Moisés Bensabat Amzalak], que era presidente da Academia das Ciências. Ele conhecia a questão e disse-me: «Eu estou de acordo com o Dr. Marcello Caetano. Vocês não podem ser instituto universitário. Têm de ser instituto da Universidade Técnica.» Eu disse: «Senhor Professor, vejo-o com muita energia. Está pronto para ter um conflito com o Dr. Marcello.» E diz ele: «Não tem importância nenhuma.» E, portanto, foi do Professor Amzalak a palavra definitiva para nós entrarmos na Universidade Técnica.

Eu vinha já com uma grande intervenção no Instituto Superior Naval de Guerra. Foi aí que comecei a ensinar as Relações Internacionais, e a Ciência Política, como disse. Porque eu achei – fora a tal queda no mundo das Nações Unidas – que o mundo estava a mudar de tal maneira que o ensino clássico estava ultrapassado. Tive de introduzir as Relações Internacionais no Instituto. Outra coisa: havia etnógrafos, é

«Achei que tinha de mandar gente para o estrangeiro. Foi a primeira vez, creio eu, que se conseguiram bolsas de estudo para isso.»

evidente, mas o que não se ensinava era a Antropologia Cultural. E a mim bastava-me ter visto um *sikh* a fazer discursos nas Nações Unidas para pensar que era preciso sistematizar o ensino da Antropologia Cultural. Em Portugal, a autoridade existente era o Professor Jorge Dias, que estava em Coimbra, numa situação que revela bem as resistências que qualquer mudança exige. Ele era doutor pela Universidade de Munique, e nunca mais passava de assistente porque não reconhecíamos doutoramentos feitos no estrangeiro. Só que eu, no estatuto que fizera para o Instituto, incluía um parágrafo que dizia: «Este Instituto pode admitir doutores por qualquer universidade nacional ou estrangeira de reconhecido mérito.» Portanto, pedi ao Jorge Dias, que nunca tinha visto – conhecia a obra dele, porque escreveu muito sobre Trás-os-Montes –, para vir a Lisboa, e disse-lhe: «O senhor é o único doutor em Antropologia por uma universidade de reconhecido mérito e está na Universidade de Coimbra com dificuldades. Quer ser Catedrático na Universidade Técnica?» O desenvolvimento da Antropologia é dele. Era um grande professor, simpaticíssimo. Eu criei um centro de estudos [o Centro de Estudos Sociais e Políticos, em 1956] e organizei-lhe uma missão para África. A obra principal que ele deixou diz respeito aos Macondes e à organização do Museu Etnográfico. O Centro de Estudos deixou talvez uma centena de livros publicados, antecipando reformas a fazer.

Havia ainda o problema de se ensinar Sociologia e Ciência Política e Estratégia. De Ciência Política e Estratégia tomei eu conta – introduzi-as. Achei que tinha de mandar gente para o estrangeiro. E foi a

primeira vez, creio eu, na altura, em que se conseguiram bolsas de estudo para o estrangeiro. Foi assim que o Dr. Narana Coissoró me foi mandado de Coimbra pelo Professor Queiró [Afonso Rodrigues Queiró]. Gostei tanto dele que o mandei para a London School of Economics fazer o doutoramento. Depois, precisava de demógrafos – mandei o Óscar Barata para Lovaina. Foi o meu sucessor. Era uma pessoa de uma cultura enorme e creio que, em Portugal, foi quem fez avançar mais as ciências das populações.

Mandei o Júlio Gonçalves para Madrid, porque era a melhor universidade nesse tempo. Todos eles deram boa conta de si, incluindo o cardeal-patriarca de Lisboa [D. António Ribeiro] – dava aulas sobre ética, depois fizeram dele cardeal e perdemo-lo.

Estou a dizer isto porque não gosto de esquecer as pessoas que me ajudaram. Perdi o Martim de Albuquerque, que já tinha a tese de doutoramento pronta cá, e foi saneado por um senhor professor que veio da Faculdade de Direito. Foi uma época difícil, foram corajosos. O Instituto nasceu contra a corrente. Dentro da Técnica, o apoio foi total.

Eu fui para o Ministério do Ultramar sempre apoiado pela gente do Instituto. A revogação do estatuto dos indígenas é também crédito do Instituto. Tive um grande apoio espiritual do D. Sebastião [Soares de Resende], o bispo da Beira. Reuni até os principais trabalhos dele num livro que levei ao Papa João Paulo II. Quis instalar também o ensino superior no Ultramar. Chamei-lhe Estudos Gerais Universitários porque a semântica ajudou a vencer as resistências. E porquê? Porque era o nome clássico na Europa, na Idade Média. E fiz ainda outra coisa. A nossa Universidade to-

mo a responsabilidade de ser a madrinha da de Angola e garantir o corpo docente, e cumpriu. Depois fui outra vez à Universidade de Coimbra, onde era Reitor o Professor Braga da Cruz, e pedi para ela ser a madrinha da Universidade de Lourenço Marques, o que implicava garantirem que recrutavam um corpo docente. E a categoria que eles lá adquirissem era a que seria reconhecida cá na Universidade, quando regressassem. O resultado é que, depois de acabar o Império, uns quarenta reitores e vice-reitores das universidades portuguesas, salvo erro, vieram de lá.

Em relação ao Ultramar, tenho de dizer mais uma coisa. Era costume, quando o ministro do Ultramar ia a Moçambique, fazer uma visita de cortesia ao governo da África do Sul. E quando anunciaram que eu ia a Moçambique, o embaixador da África do Sul foi-me visitar, e pediu-me que não fosse à África do Sul. «É que a maior parte dos trabalhadores das minas são nativos de Moçambique, e o senhor fez um código de trabalho, revogou o indigenato; se eles sabem que você lá está, nós vamos ter uma revolta.» E eu disse: «Já tomei nota, mas vou dizer o seguinte: eu espero que nunca mais um Ministro do Ultramar português vá à África do Sul enquanto vocês tiverem o Apartheid.» Eu sou um dos grandes admiradores do Mandela. E revoguei as culturas obrigatórias. É claro que virei contra mim uma porção de elites que viviam disso.

Voltando à síntese. Liguei as três instituições. Sociedade de Geografia: fui presidente dez anos; Instituto: passei a vida no Instituto, e acabei presidente do Conselho Geral da Universidade Técnica; a Marinha, de que recebi a Espada de Almirante: ainda ontem viam a ligação que a Marinha tem ao ISCS.



© Reitoria de Lisboa

Tabela da despesa	
Seis professores a 40000 réis mensaes, durante nove meses.....	2:160000
Um professor de hygiene a 25000 réis mensaes, durante nove meses.....	225000
Um secretario a 15000 réis, durante doze meses.....	180000
Despesa com o Museu (secção commercial e secção de informação).....	600000
Subsidio á Sociedade de Geographia.....	1:200000
Gratificação de 10000 réis mensaes ao professor da cadeira de commercio colonial como encarregado especial da secção commercial do Museu.....	120000
	<u>4:485000</u>

Paço, 18 de janeiro de 1906. — Manoel Antonio Moreira Junior.

© Arquivo ISCS

O Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCS)

Orçamento da Escola Colonial publicado por Decreto de 18 de janeiro de 1906

O PRESENTE E O FUTURO DO ISCS

A CONTINUIDADE DE UMA CULTURA DE ABERTURA E DE UMA MATRIZ CIENTÍFICO-PEDAGÓGICA MULTIDISCIPLINAR

A 18 de janeiro de 2017, o Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas (ISCS) entrou no seu III.º ano. Presidente do Instituto desde 2012, Manuel Meirinho declara que «os pressupostos do ISCS não se alteraram» desde a sua fundação, em 1906, mantendo-se a tradição forte nas áreas da Administração Pública e das Políticas Públicas. Também no projeto estratégico de desenvolvimento do Instituto prevalecem os ideais que levaram à sua formação: nos últimos cinco anos tem-se apostado na internacionalização e na captação de novos alunos.

O Instituto tem atualmente cerca de 4.500 alunos, distribuídos pelos cursos de licenciatura, mestrado e doutoramento – que reúnem 3.000 estudantes –, pós-graduação e formação especializada. Cerca de 600 a 700 do total dos alunos são internacionais, de 47 países; no entanto, a maioria (70%) provém da Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP), principalmente do Brasil. Com estes países, em particular com São Tomé e Príncipe, Timor Leste, Angola e Brasil, o ISCS mantém mais de 100 parcerias que incluem a mobilidade de alunos e docentes, a investigação conjunta entre instituições congéneres, e a troca de prestações de serviços, como o apoio ao lançamento de universidades públicas ou a participação na formação de quadros de instituições públicas e privadas.

Tendo sido até 1958 responsável pela formação de todos os quadros administrativos das ex-colónias, o ISCS detém hoje recursos humanos e bibliográficos especializados na compreensão social, política, antropológica e sociológica desses territórios, especialmente no que diz respeito aos países africanos. Dos quatro centros de investigação que integra, três são dedicados àquela área geopolítica, com incursão também no espaço asiático: o Centro de Administração e Políticas Públicas, o Centro de Estudos Africanos, e o Instituto do Oriente. Segundo Manuel Meirinho, «não haverá outra Escola na Universidade

que afirme de maneira tão objetiva e tão comprometida a projeção dos seus interesses no espaço da CPLP». Foi neste âmbito que foi requerido (e ganho em 2015) o estatuto de Observador Consultivo da CPLP.

Um dos grandes investimentos tem sido na área da formação especializada, através do Instituto de Formação e Consultoria e do Instituto de Estudos Pós-Graduados (que ofereceu 24 cursos em 2016). Sendo cursos não conferentes de grau, Manuel Meirinho explica que, com estas ofertas, «posicionamo-nos nas elites políticas e funcionamos como escola de formação». O Presidente dá o exemplo «do protocolo mantido com o Ministério da Segurança Social de Moçambique, que tem no ISCS dez alunos a serem formados na área da Política Social, para irem depois administrar nas várias províncias a gestão do serviço social». O investimento na formação especializada, aliada a uma estratégia de internacionalização, implica que haja uma preparação por parte das instituições do ensino superior para receber um novo tipo de aluno, que frequenta a instituição durante três meses a um ano e regressa aos países de origem após a formação.

O Instituto também se tem dedicado à promoção de uma cultura organizacional forte e estimulante na comunidade de docentes e discentes, com a criação de cinco Unidades de Missão: ISCS Cidadania; ISCS Cultura; ISCS Empreendedorismo; ISCS Inclusão; e ISCS *Wellbeing*. Em relação ao futuro, Manuel Meirinho refere que «as duas traves-mestras não se alterarão: uma cultura de abertura e uma matriz científico-pedagógica multidisciplinar». O plano é continuar a apostar em quatro vertentes: «inovação, internacionalização, qualidade e compromisso com a especificidade do sector, que é exigente». Se há algo que distingue o ISCS, segundo o seu atual presidente, é a capacidade de inovação e adaptação que o Instituto demonstrou desde o início: «Não se resiste a quatro regimes sem isso.»

Não há muitas cidades no mundo onde se possa frequentar um centro de estudo no meio de um jardim público. Em Lisboa, o Caleidoscópio é um espaço único não apenas pela sua localização, na zona norte do Jardim do Campo Grande, mas também pela sua arquitetura.

Fotografias © 2016 José Furtado

Projetado em 1971 por Nuno San Payo, o edifício de betão e planta em «L», constituído por módulos de geometria hexagonal, foi concebido inicialmente para ser um centro de atendimento turístico. Para muitos, porém, o edifício está associado ao antigo Centro Comercial Caleidoscópio, aos restaurantes e bares, à sala de cinema, ou à livraria técnica que aí existiram. A 3 de outubro de 2016, uma nova página da história do Caleidoscópio começou a ser escrita com a inauguração do Centro Académico da ULisboa. Trata-se de um espaço de estudo e de convívio para alunos e investigadores de todas as universidades, com ligação privilegiada ao *campus* da Cidade Universitária.

O novo Centro Académico é composto por um auditório com 72 lugares; uma extensa sala de estudo com 175 lugares, acesso a *wi-fi* e impressoras, no primeiro piso; sala de exposições, na cave. No piso térreo, há uma loja-livraria com livros, revistas e outros artigos referentes à Universidade. Na cave, além de uma área de exposições, está sediado o Centro de Documentação dos Serviços Centrais da ULisboa, que disponibiliza à comunidade académica a consulta dos recursos bibliográficos eletrónicos das Escolas, havendo ainda um posto de apoio à pesquisa na *b-on* (Biblioteca do Conhecimento Online). Para res-

ponder às necessidades dos utilizadores, a sala de estudo está aberta 24 horas por dia, durante todos os dias do ano. Desde a sua abertura até ao final de dezembro de 2016, a sala de estudo já esteve várias vezes lotada, tendo dado entrada no Centro Académico 9112 estudantes. Verificou-se que é ao fim de semana que a utilização do espaço é maior, sendo domingo o dia mais procurado. Das 80 instituições de onde provêm os estudantes que frequentam o Caleidoscópio, 60 não pertencem à ULisboa, um sinal de que este é um espaço dirigido para a cidade.

A ideia da antiga Universidade de Lisboa de recuperar o edifício do Caleidoscópio e de o adequar a um centro de estudo remonta pelo menos a 2009, período em que o edifício se encontrava já num estado de degradação visível. A intenção da Universidade de transpor os limites do *campus* da Cidade Universitária e de se abrir à cidade começou a concretizar-se a 11 de outubro de 2010, quando foi assinado o protocolo de cooperação com a Câmara Municipal de Lisboa (CML). Estabelecia-se nesse protocolo a reabilitação concertada do Caleidoscópio e a sua cedência por 50 anos à Universidade de Lisboa, ficando a cargo desta instituição a manutenção do edifício e dos equipamentos. O projeto visava melhorar as infraestruturas ao dispor da comunidade académica,

CALEI_ DOS_ CÓPIO

ESTUDAR NO JARDIM:
O CENTRO ACADÉMICO
DA ULISBOA



Página de abertura
A pala projetada
pelo arquiteto
Pedro Oliveira

Nesta página
A sala de estudo,
o lago e o auditório

Para responder às necessidades dos utilizadores, a sala de estudo está aberta 24 horas por dia, durante todos os dias do ano.

A particularidade da integração do Caleidoscópio numa das zonas verdes mais extensas da cidade foi determinante neste projeto de reabilitação concertada.

dando ao mesmo tempo um contributo significativo para a reabilitação de um edifício emblemático da cidade. De acordo com o protocolo, a Câmara comprometia-se também a executar as obras de recuperação dos espaços verdes e do lago, nas parcelas norte e sul do Jardim do Campo Grande.

Teria sido desejável que as obras no Jardim decorressem em articulação com as obras no edifício, e que esses abrissem ao público ao mesmo tempo. Porém, devido à dificuldade de encontrar patrocínio para uma intervenção tão profunda, as obras na zona norte do Jardim concluíram-se antes de se iniciarem as do Caleidoscópio. Dois anos após a assinatura do protocolo, abria o concurso público para encontrar um financiador para a reabilitação do edifício. Dada a grande capacidade de financiamento requerida pelo projeto – cerca de 2,5 milhões de euros –, apenas uma entidade respondeu satisfatoriamente: a McDonald's. Foi esta empresa de restauração que custeou as obras do Caleidoscópio, através de uma parceria com a Universidade, feita num regime de concessão. O restaurante ocupa agora 23% do edifício.

A requalificação do Caleidoscópio teve projeto do arquiteto Pedro Oliveira – PLCO Arquitectos – e a reabilitação do Jardim do Campo Grande foi coordenada pelo arquiteto paisagista João Castro, do Gabinete de Projeto de Estrutura Verde da CML. A particularidade da integração do Caleidoscópio

numa das zonas verdes mais extensas da cidade foi determinante neste processo de reabilitação concertada. Uma das premissas do projeto de Pedro Oliveira consistiu em expurgar o edifício de todos os acréscimos e elementos que não se relacionavam com a geometria original, de modo a chegar até aos seus elementos estruturais últimos. A partir das formas hexagonais do edifício, foram feitas as divisões para as salas e os gabinetes de trabalho em funcionamento, de acordo com o programa da ULisboa. Abriu-se o piso térreo e preencheu-se com vidro o esqueleto já existente, o que deu ao edifício um aspeto de maior leveza e elegância, abrindo-o ao Jardim. O primeiro piso, por outro lado, constitui um grande espaço aberto com janelas amplas e projeção visual sobre a área verde envolvente. Com a geometria hexagonal assumida e a limpeza dos ruídos visuais, o edifício icónico de Nuno San Payo (1926-2014), influenciado pelo movimento brutalista, vê acentuada a sua dimensão de horizontalidade.

A decisão da CML de encurtar o lago concebido pelo arquiteto Keil do Amaral (1910-1975), afastando-o do edifício, estabeleceu um espaço de transição entre o Caleidoscópio e o Jardim. Além de ter criado outro ponto de acesso ao Jardim, a construção da pala deu ao edifício uma nova fachada principal e produziu uma zona de sombra. Por sua vez, os círculos na pala originam pontos de luz e abrem espaços para o escoamento

das águas da chuva. Como explicou Pedro Oliveira à Revista da ULisboa, as principais influências deste novo elemento foram a praça cerimonial do Pavilhão de Portugal – no que diz respeito à ideia de uma praça coberta – e a «Marquise» do parque de Ibirapuera, de Oscar Niemeyer.

Dado o grande impacto da rodovia no Jardim, verificou-se a necessidade de plantar mais árvores nas zonas de fronteira, de modo a criar uma barreira visual e sonora entre a estrada e o Jardim. O arquiteto paisagista João Castro sublinhou também a necessidade de se plantarem novas árvores em torno do lago, de modo a colmatar o espaço deixado pelo desaparecimento de mais de 30 palmeiras, devido à praga do escaravelho vermelho. Com mais espaços de sombra, os estudantes aproveitariam melhor essa zona relvada.

O Caleidoscópio ganharia em estar ainda mais próximo da Cidade Universitária e da cidade. Para resolver a dificuldade criada pela existência de uma via rápida de quatro faixas de rodagem em torno do Jardim, a CML prevê a elaboração de um projeto de supressão dessas faixas, que permitiria reduzir o tráfego no Campo Grande, facilitando o acesso dos estudantes ao Centro Académico. Criar-se-ia, assim, um corredor verde nessa zona da cidade que ligaria o Estádio, a Cidade Universitária e o Jardim. Como anunciou na inauguração do Caleidoscópio o presidente da CML, esse será um projeto a longo prazo. •



ANTÓNIO CRUZ SERRA

«CONSTRUIR UMA GRANDE
UNIVERSIDADE DE INVESTIGAÇÃO.»

Três anos e meio após o início do seu mandato como Reitor da Universidade de Lisboa, é tempo de falar sobre o que foi feito e o que falta fazer. António Cruz Serra faz um balanço e mostra que há ainda muito trabalho pela frente.

Fotografias © 2016 José Furtado

ULISBOA O processo de construção da nova Universidade de Lisboa parece ter decorrido sem turbulência. A que é que isso se deveu?

REITOR Desde o início tivemos consciência de que o processo de fusão deveria perturbar o menos possível a vida da Universidade. Tinha que se respeitar, na totalidade, as condições que acordámos durante o planeamento da fusão, como o respeito pela autonomia das Escolas e pela liberdade académica. As pessoas teriam de ser tratadas com o cuidado que merecem, em particular estando em curso um processo de fusão, que é potencialmente desestabilizador para os trabalhadores envolvidos. Existia a vantagem de a fusão ter uma implicação mais direta, de início, apenas ao nível dos serviços da Reitoria; mas, mesmo assim, havia que ter em conta as diferentes culturas de gestão e organização das duas anteriores universidades. Tínhamos também a vantagem de não ser necessário fundir faculdades, dada a complementaridade de oferta entre as duas universidades. Iremos assistir a situações de reorganização de oferta formativa no conjunto da Universidade apenas nos próximos anos.

ULISBOA Como se coaduna a autonomia das Escolas com uma gestão central forte?

REITOR Uma universidade com esta dimensão não pode ser bem gerida sem autonomia das Escolas. Mas, na construção da Universidade, temos feito operações complexas, dirigidas a partir dos Serviços Centrais, essenciais para conseguirmos ser uma Universidade melhor: a instalação dos Serviços Informáticos, de Gestão Financeira, de Recursos Humanos, de Gestão Académica, por exemplo.



«Com a reorganização dos serviços da Reitoria, fazemos hoje a gestão com um orçamento equivalente ao de uma das antigas universidades.»

Ter aplicações comuns para todas as Escolas implica que estas se persuadam de que isso lhes trará vantagem. Estou convencido de que foi isso que aconteceu, nos casos que referi. Além disso, as Escolas diferem entre si. A massa crítica é diferente numa Escola com 12.000 alunos, ou noutra com 1.000. Não é igual gerir uma Escola de Ciências e Tecnologia ou uma de Humanidades. Mas o objetivo é comum a todas: garantir as melhores condições possíveis. Temos oferecido recursos que permitem fazer algum do trabalho na Reitoria: a contabilidade, o processamento de salários, o apoio jurídico, o projeto e a construção de novos edifícios, a sustentabilidade ou a manutenção.

E temos de mostrar que o trabalho é bem feito. O Gabinete de Estudos e Planeamento, por exemplo, tem feito muito para que a Universidade progrida nos *rankings* internacionais. A posição nos *rankings* resulta do trabalho científico nas Escolas e nas Unidades de Investigação, mas é necessário coligir a informação relevante, fazer incluir a afiliação institucional à Universidade em toda a produção científica. Quanto melhor trabalharem os Serviços Centrais, mais fácil será assegurar a autonomia das Escolas e, simultaneamente, ter políticas comuns para o conjunto da Universidade – porque é fundamental que existam. Há mecanismos para promover o desenvolvimento da Universi-

dade. Estamos a preparar um novo modelo de distribuição de uma parte do financiamento com base na produção científica das Escolas, sabendo que o modo de contabilizar numa Escola de Ciências e Tecnologia, ou, por exemplo, na Faculdade de Letras, é diferente: numa, publicam-se mais livros, noutra, artigos em revistas científicas. É preciso falar com todos, ouvir todos e decidir.

ULISBOA Do ponto de vista científico e pedagógico, que se ganhou com a criação da nova Universidade?

REITOR Ganhámos a capacidade de trabalhar em conjunto diferentes áreas. Na reorganização da oferta formativa, criaram-se alguns doutoramentos conjuntos e reorganizaram-se alguns cursos de mestrado; cursos antigos em duas ou três Escolas darão lugar a uma oferta comum. Correu bem a capacidade de influenciarmos as políticas públicas para o Ensino Superior. O que se fez nestes três anos e meio pode medir-se pelos resultados. O resultado mais importante foi a capacidade de contratar novos professores, investigadores e trabalhadores administrativos e técnicos. O principal bloqueio no sistema universitário tem sido o envelhecimento do corpo docente e a incapacidade de realizar novas contratações.

ULISBOA Tem falado muito sobre isso, aliás.

REITOR Era esse, e continua a ser, o principal problema da Universidade. Estou seguro de que conseguimos inverter a tendência da última década e meia. Foi possível transferir para as Escolas recursos para contratar muita gente nova. Com a reorganização dos serviços da Reitoria, fazemos hoje a gestão com um orçamento equivalente ao de uma das antigas reitorias. A libertação de recursos permitiu transferir trabalhadores administrativos e técnicos para as Escolas, e, para os orçamentos das Escolas, um valor que corresponde aos salários anuais de 80 novos professores auxiliares. Permitiu que, em 2016, abrissem 150 concursos da carreira docente e de

investigação, e 150 para trabalhadores administradores e técnicos. Espero que, pela primeira vez em muitos anos, o número de contratações, em 2016 e em 2017, supere o número de saídas e que, para o ano, possamos manter, ou superar, o número de concursos abertos neste ano. Em 2009, no que é hoje a Universidade de Lisboa, tínhamos mais 1.000 pessoas a trabalhar do que temos hoje. Com as contratações feitas em 2016, e as que se farão em 2017 e em 2018, se for cumprido o acordo assinado com o Governo, recuperaremos, até ao final da legislatura, muito do que se perdeu, e não apenas desde a crise do *subprime* e da intervenção da *troika*. Faço gestão universitária há quase 15 anos, e não me lembro de não ter restrições na contratação. As condições que temos este ano são provavelmente as melhores de há muito tempo para cá.

ULISBOA Que expectativas tem em relação ao contrato entre o Governo e as universidades assinado em julho de 2016?

REITOR A minha expectativa é que se mantenha a dotação do Orçamento de Estado.

ULISBOA Há um ligeiro aumento, de acordo com a proposta.

REITOR Do ponto de vista prático, não há. O aumento de dotação corresponde às reposições salariais e ao que resulta de decisões do Governo ou da Assembleia da República sobre o orçamento da Universidade. Por exemplo, a Lei do Orçamento de Estado para 2017 prevê que paguemos os aumentos devidos aos professores que fizeram agregação: o Governo terá de reforçar o orçamento da Universidade nesse valor – e irá fazê-lo. A Lei do Orçamento de Estado congelou o valor das propinas: espero que o Governo reforce o orçamento da Universidade no montante correspondente a esse congelamento. Há também o compromisso de não haver cativações: em 2016, cativaram-nos mais de 500.000 euros. A Lei do Orçamento de 2017 não prevê cativações para as universidades, o que nos

«Conseguimos influenciar as políticas públicas para o Ensino Superior. O resultado mais importante foi a capacidade de contratar novos professores, investigadores e trabalhadores administrativos e técnicos.»

«É preciso falar com todos, ouvir todos e decidir.»

permite planejar a gestão a três anos. E há o compromisso do Governo de a Universidade ser entidade voluntária no âmbito das compras públicas. O Sistema Nacional de Compras Públicas cria-nos grandes limites à gestão. Há situações em que os Acordos Quadro são interessantes para a Universidade; outras há em que são ruinosos. O compromisso com o Governo trará estabilidade na gestão financeira de médio prazo e aumentará a agilidade administrativa.

ULISBOA Verifica-se, em todas as instituições de ensino superior, a utilização de bolsheiros em trabalho técnico e administrativo de carácter permanente. Qual é a posição da Universidade em relação a isso?

REITOR Não podemos trabalhar com base em Bolsas de Gestão de Ciência e Tecnologia para a satisfação de necessidades permanentes do serviço. No entanto, as bolsas apresentam evidentes vantagens para todas as partes envolvidas: os estudantes progredem no seu estudo e investigação, e as universidades contam com o seu talento para cumprirem melhor a sua missão.

ULISBOA Há a estratégia, ao nível da Universidade, de potenciar áreas de conhecimento?

REITOR Não o temos feito, nem é o momento de o fazer. Para construir uma grande universidade de investigação, o mais importante é contratar professores ou investigadores em início de carreira. As bolsas de doutoramento são outro instrumento importante, por atraírem mais e melhores alunos. E temos de incentivar as pessoas a publicar nas melhores revistas: se é possível publicar um artigo na *Nature*, não vale a pena publicá-lo noutra lado.

ULISBOA A criação de Colégios permitiu que as Escolas pudessem unir áreas de saber diversas. Prevê criar mais Colégios?

REITOR No primeiro concurso para a criação de Colégios houve muitas propostas, avaliadas por um júri maioritariamente externo. O júri, após cuidadosa análise

das propostas apresentadas, recomendou a criação de dois. Tem sido muito positivo o trabalho feito no Colégio Mente Cérebro e no F3 [*Food, Farming and Forestry*]. Entretanto, foi criado o Colégio de Química. Até à eleição do Reitor não haverá novos Colégios. Os Colégios são um instrumento de coesão; mas há outros.

ULISBOA Quais?

REITOR O financiamento de projetos de investigação em que haja obrigatoriamente investigadores de mais de uma Escola, por exemplo, ou bolsas de doutoramento orientadas por investigadores também de mais de uma Escola.

ULISBOA Como está a ser feita a transferência de conhecimento para a sociedade?

REITOR Estamos a terminar a remodelação do edifício do Complexo Interdisciplinar, onde vão ser instaladas unidades de investigação e empresas que resultem da investigação feita na Universidade. O trabalho de transferência de conhecimento para a sociedade é, talvez, aquilo em que as universidades trabalharam menos bem nas últimas décadas, embora haja muita coisa bem feita. A criação da nova incubadora da Universidade contribuirá certamente para melhorarmos o nosso trabalho nesta área.

ULISBOA Estão a ser criadas cada vez mais infraestruturas para os alunos, como por exemplo as residências da Ajuda e da Cantina II.

REITOR A construção da Residência da Ajuda começará muito em breve. Em relação à da Cantina II, ainda estamos em fase de finalização do projeto.

ULISBOA Quanto à relação com os seus antigos alunos, que tem feito a Universidade para atrair eventuais fontes de financiamento?

REITOR Foi feita uma doação ao ISEG de 700.000 euros por um antigo aluno, para custear bolsas de estudo; portanto, alguns resultados há. Temos tentado chamar os antigos alunos à Universidade, através da Associação de Antigos Alunos, promo-

vendo a utilização do Estádio Universitário ou a frequência dos Museus em igualdade com a comunidade académica. Todos sabemos o impacto positivo da formação universitária na vida profissional das pessoas. Não temos é ainda a cultura de criar um *endowment*, como noutros países se faz.

ULISBOA Uma das qualidades da Universidade de Lisboa é o prestígio do seu diploma. No entanto, ainda há muitos licenciados que não obtêm emprego nas suas áreas. Diria a um desses licenciados que valeu a pena estudar?

REITOR Valeu, de certeza absoluta. Conheço pessoas que trabalham em áreas que aparentemente têm pouco que ver com a formação que tiveram. Mas, provavelmente, a recompensa profissional que daí resulta pode ser maior do que trabalhar na área de formação. Eu, por exemplo, nunca pensei fazer gestão; achei sempre que iria fazer engenharia numa empresa, mas as circunstâncias levaram-me por este caminho.

ULISBOA Nunca tinha pensado fazer gestão, mas já foi Presidente do Técnico, Reitor da Universidade Técnica e, agora, Reitor da Universidade de Lisboa.

REITOR Durante muitos anos, só fiz trabalho no laboratório. E odiava que me tirassem de lá!

ULISBOA E também deu aulas.

REITOR Dei muitas aulas, e houve uma altura em que estive fora da universidade – trabalhei na Portugal Telecom, por exemplo.

ULISBOA Passados três anos e meio do seu mandato, que marca deixa a Universidade de Lisboa no país e na sociedade?

REITOR A de uma Universidade comparável com as melhores universidades do mundo, com o nosso bem mais precioso – o diploma – reconhecido pelo mercado. Uma Universidade cuja atração de estudantes internacionais está visivelmente a aumentar. Uma Universidade que conseguiu obter melhores recursos para divulgar o que faz: o Pavilhão de Portugal, por exemplo, é um local importante para



«A criação da nova incubadora da U Lisboá contribuirá para melhorarmos o trabalho de transferência de conhecimento para a sociedade. Este tem sido um dos grandes desafios para as universidades nas últimas décadas.»

expor o que fazemos na Universidade de Lisboa e nas universidades portuguesas. O aumento do trabalho de investigação: como a Universidade é mais reconhecida, é mais fácil aos nossos investigadores participarem em equipas internacionais bem-sucedidas na captação de recursos comunitários, de empresas e das agências de investigação. O sermos capazes de construir residências de estudantes, hoje escassas. A libertação de recursos permitenos construir residências próprias, ou em parceria com instituições privadas. Servir o melhor possível a comunidade académi-

ca – o centro de estudo permanente do Calcidoscópio é um orgulho para todos.

ULISBOA O que falta fazer?

REITOR Tudo. [*Risos*] Falta sempre tudo. A curto prazo, melhorar infraestruturas nas Escolas: construir o novo edifício da Faculdade de Farmácia; remodelar o convento de São Francisco para expandir a Faculdade de Belas-Artes. Melhorar o *campus*, o da Cidade Universitária em particular – tratar melhor dos jardins, criar pontos de encontro. Criar melhores sistemas de informação de apoio à decisão. Queremos atrair mais estudantes internacionais, mas não devemos ter a

pretensão de aumentar significativamente o número de estudantes da Universidade: cinquenta mil estudantes parece-me um número que não deve ser ultrapassado. Por outro lado, temos a capacidade de atrair mais estudantes de mestrado e de doutoramento. Vejo grande interesse, no Brasil, pela pós-graduação. Falta robustecer o espírito da Universidade – ter estudantes das diferentes Escolas a estudar e a divertir-se em conjunto, a usar a Aula Magna nas suas atividades. Podíamos inventar coisas sem fim que faltam fazer.

ULISBOA Bom trabalho! •

ESTÁDIO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA

UM DIA NO MAIOR PARQUE DESPORTIVO DA CIDADE



Pela história, dimensão e localização, o Estádio Universitário de Lisboa revelou, desde o início, uma vocação para o serviço à comunidade, sendo a escolha de muitos estudantes e habitantes da cidade para a prática de exercício físico. São cerca de 5.000 os utentes informais que frequentam gratuitamente este grande parque público, como esclarece João Roquette, o atual presidente.

Com uma área de 40 hectares, o Estádio inclui o Estádio de Honra, com campo relvado e pista de atletismo; uma segunda pista de atletismo; três pavilhões cobertos; três campos polidesportivos; seis campos relvados para grandes jogos; uma academia de golfe; o Centro de Ténis e Padel; o Complexo de Piscinas; a Academia de Fitness; e o Centro Médico do Campus da Cidade Universitária. Aquando da criação da ULisboa, o Estádio passou a administrar o Complexo Desportivo do Polo da Ajuda – CEDAR –, assim como o Centro Médico aí instalado.

Durante um dia, a Revista da ULisboa visitou todas as instalações, e falou com cada um dos seus diretores técnicos, na companhia de Duarte Lopes – coordenador do Núcleo dos Serviços Técnico Desportivos do Estádio.

Iniciámos a visita pelo **Complexo de Piscinas**. Inaugurado a 10 de julho de 1997, o Complexo dispõe da primeira piscina olímpica coberta do país. Hoje, segundo Sara Silva, os primeiros utentes na abertura de portas, às 06h30, são desportistas de alta competição. Apenas 30% dos utilizadores das piscinas pertencem à comunidade académica.

O Complexo disponibiliza uma Escola de Natação com as modalidades de Natação para Bebés, Natação Sincronizada, Polo Aquático e Hidroginástica, e Natação Pura – subdividida em Adaptação ao Meio Aquático, Natação para Crianças (com sete níveis de aprendizagem), Natação para Adultos (com quatro níveis de aprendizagem), e Nível Avançado.

Estas atividades são praticadas nos três planos de água do Complexo. O maior é uma piscina de 50 x 25 m, com profundidade de 2,00 m a 2,20 m e temperatura da água a 28°. Nas horas de maior afluência, as dez pistas de 50 m são convertidas em pistas de 25 m, com capacidade para 192 utentes. Este espaço dispõe de um sistema de cronometragem eletrónica, uma bancada com 1.200 lugares e uma bancada VIP com 70 lugares. O segundo é uma piscina de 25 x 12,5 m, com profundidade de 0,9 m a 1,3 m, temperatura da água a 30° no inverno e 29° no verão, estando equipada com uma rampa de acesso para deficientes motores; tem capacidade para 48 pessoas. O tanque de aprendizagem tem 11 x 5,5 m, profundidade de 0,9 m e capacidade máxima para 10 utentes. A temperatura da água é mantida a 30° no verão e no inverno, exceto quando é utilizado nas aulas de natação para bebés. Nestas, a água começa a ser aquecida no dia anterior para poder atingir a temperatura de 33°, a mais adequada para os pequenos utentes. A natação para bebés é, segundo Pedro Mil-Homens, Pró-Reitor da ULisboa, uma das imagens de marca do Complexo de Piscinas.

O Complexo tem atualmente 3662 inscritos nas suas ofertas, perfazendo 78% do total dos utentes inscritos nas atividades do Estádio. Uma das razões para este sucesso é a qualidade das instalações e, em particular, da água, que passa por três fases de tratamento: filtração através de filtros de areia; desinfecção bacteriológica via raios ultravioleta; e injeção de cloro, ácido clorídrico e floculante, a fim de manter a água límpida e eliminar as impurezas transpor-

CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO

Nas atividades desportivas geridas pelo Estádio, os estudantes, docentes e funcionários, quer da ULisboa, quer de qualquer instituição do ensino superior nacional, dos países da União Europeia e dos países de língua oficial portuguesa, estão abrangidos por uma política de diferenciação positiva que se materializa num desconto nas taxas de inscrição, nas mensalidades, e no aluguer de instalações. Desde 15 de setembro de 2015, os *Alumni* da ULisboa também passaram a poder usufruir destes descontos. Nos Centros Médicos, abertos a toda a comunidade, os bolsiros, estudantes e funcionários da Universidade (e seus familiares) usufruem de vantagens significativas; no caso das especialidades de Psicologia e de Psiquiatria, os bolsiros da ULisboa estão isentos do pagamento das consultas. •

tadas pelos utentes. A água das piscinas é renovada e reutilizada para a rega dos espaços verdes do Estádio.

O Complexo está equipado com dez balneários, dois deles para bebés e crianças. Dispõe ainda de uma sala de exercício com 250 m², equipada, e de dois estúdios, cada um com 40 m². Estes espaços acolhem atividades de *Health & Fitness* – Pilates, loga, *Tai Chi Chuan*, Alongamentos, Aeróbica e Localizada –, e também treino cardiovascular, de força muscular e funcional. Há ainda atividades aquáticas adaptadas para promover a reabilitação física e a iniciação na prática desportiva.

Seguimos até ao Pavilhão 3, onde funciona a **Escola de Desportos de Combate** do Estádio. A sua oferta inclui a prática de *Aikido*, *Karate-do*, *Kickboxing*, *Jiu Jitsu* Brasileiro, Artes Marciais Mistas, *Taekwondo*, *Systema*, *Kendo*, Judo e *Krav Maga*. Esta última, centrada na autodefesa e no combate corpo a corpo, foi a mais procurada pelos 311 utentes inscritos na Escola no ano letivo de 2016/2017, como explicou Filipe Barbosa. A Sala de Armas, onde se pratica Esgrima, é a de maior dimensão de Lisboa, com três pistas.

A 1 de abril de 2016, a ULisboa assinou um contrato com a Federação Portuguesa de Judo, cedendo-lhe a utilização do tapete de judo (*Dojo*), com uma área total de 432 m², por um período de quatro anos. Aqui treinarão as seleções nacionais da modalidade, incluindo os atletas apurados para os Jogos Olímpicos.

Dirigimo-nos de seguida para a **Academia de Fitness**, em funcionamento desde abril de 2004. Tem uma sala de exercício principal destinada ao treino cardiovascular, supervisionada por um técnico especializado, e uma sala de exercício de menor dimensão, que complementa a primeira. No início da sua atividade na Academia, os utentes têm à disposição uma avaliação física e um programa de treino gratuitos. Nos últimos dias do mês, podem fazer avaliações da composição corporal, também gratuitamente.

Subimos à sala de atividades de grupo principal, onde há aulas como *Cycling*, ginástica localizada, abdominais ou *Step*. No mesmo piso, num estúdio mais pequeno, é possível frequentar novas atividades como o H.I.I.T Boxe [*High Intensity Interval Training*], o *Fitcross* ou o TRX [Treino de Resistência em Suspensão]. Como nota Edgar Pais, ao contrário do que acontece em muitos ginásios, na Academia as aulas não são reservadas por marcação, mas através de um sistema de senhas. Os seus utentes podem utilizar o Complexo de Piscinas uma vez por semana, na modalidade de livre-trânsito.

Com 356 inscritos em 2016, a Academia disponibiliza *workshops* técnicos e temáticos a todos os interessados. Este espaço é ainda sede do Centro de Reabilitação Cardiovascular da Universidade de Lisboa (CRECUL), inaugurado a 6 de maio de 2016, que presta apoio fora dos hospitais

a pacientes em recuperação. Este projeto resulta de uma parceria entre a Reitoria, a Faculdade de Medicina e a Faculdade de Motricidade Humana da ULisboa.

Fomos em direção aos Pavilhões 1 e 2, onde têm lugar as atividades da **Escola de Desportos Coletivos**. O Pavilhão 1, vocacionado para a prática de Futsal, Andebol, Basquetebol, Andebol e Badminton, permite a realização de cinco jogos em simultâneo; dispõe ainda de uma sala para jogos de ténis de mesa. O Pavilhão 2, de dimensões menores, está direcionado para as modalidades de Voleibol, Futsal e Badminton. Nestes dois pavilhões e na pista de atletismo secundária, espaços coordenados por Pedro Gonçalves, têm lugar diariamente as aulas de Educação Física de vários colégios da zona de Lisboa. Estas instalações são também utilizadas pelo Hospital de Santa Maria para atividades de doentes psiquiátricos em recuperação.

A Escola compreende também atividades nos sete campos relvados do Estádio, disponibilizados gratuitamente a todas as instituições públicas e privadas do ensino superior para treinos e campeonatos universitários a nível nacional e internacional, através da Associação Desportiva do Ensino Superior de Lisboa (ADESL) e da Federação Académica do Desporto Universitário (FADU), ambas com sede no Estádio. Anualmente, o Estádio contabiliza 10.000 horas de cedência aos 4.000 estudantes



Interior do Pavilhão 2 e tapete de judo (*Dojo*)

A HISTÓRIA DO ESTÁDIO UNIVERSITÁRIO DE LISBOA EM DATAS

27 de maio de 1956

É inaugurado o Estádio Universitário de Lisboa, com projeto dos arquitetos João Simões e M. Norberto Corrêa.

1 de março de 1958

São transferidos para a posse do Estado os terrenos municipais no perímetro da Cidade Universitária de Lisboa, uma área aproximada de 40 hectares.

1958

São erigidas estátuas alusivas: *O jogador de futebol*; *O halterofilista*; *O jogador de rugby*; *O lançador de martelo*; *O lançador de disco*; *O corredor*; *A esquiadora*.

1959

Realiza-se o I Campeonato Nacional de Judo, ao ar livre, com a presença do mestre Kiyoshi Kobayashi.

24 de março de 1962

Proibidas as comemorações do Dia do Estudante, é convocado um plenário estudantil no Estádio.

9 de novembro de 1965

A inauguração da luz elétrica no estádio principal é assinalada por um jogo de rugby disputado entre o CDUL e Agronomia.

19 de maio de 1966

É inaugurado o pavilhão gimnodesportivo, do arquiteto Alberto Pessoa.

9 de setembro de 1968

Realiza-se o II Campeonato Mundial Universitário de Judo.

1981

É construído o Pavilhão 2.

1992

São construídos os campos relvados n.ºs 3, 4, 5 e 6.

© Miguel Grincho / Grupo de Fotografia FFUL



Campo de ténis de piso rápido

© Tiago Antão / Grupo de Fotografia FFUL



Pista de atletismo secundária

© Tiago Antão / Grupo de Fotografia FFUL



Piscina de 50 metros

integrados na ADESL, que constituem 20 equipas de duas divisões universitárias.

Entre abril e setembro de 2017, será instalada iluminação adicional nos campos de futebol e rugby junto ao Complexo de Piscinas – terão quatro focos de luz em vez dos dois atuais –, e construída uma nova zona de balneários. Devido ao tipo de utilização, pretende-se que, a médio prazo, o relvado natural seja substituído por relvado sintético em todos os campos, com exceção do Estádio de Honra; essa intervenção contará com o apoio da CML e do Centro Desportivo Universitário de Lisboa (CDUL). Ao abrigo do protocolo que mantém com a ULisboa, o Sporting Clube de Portugal contribuirá também para a renovação de um destes campos, onde treinam as suas equipas de futebol e rugby.

Seguimos para o centro de desportos de raquetes **Rackets Pro – Cidade Universitária**,

espaço concessionado desde setembro de 2016. O centro permite ter aulas e alugar campos de ténis e padel para a realização de treino livre. Dos sete campos de ténis, cinco são de piso rápido e dois de relva sintética. A escola de padel tem doze campos – seis descobertos e seis cobertos, um dos quais panorâmico –, e é a maior desta modalidade em Portugal. Como nos explicou Maria João Severino, o padel começa a praticar-se mais tarde do que o ténis – regra geral, já depois dos 20 anos de idade. Sendo um jogo disputado a pares, com bola e raquetes próprias, num campo mais pequeno do que o do ténis, o padel é de fácil aprendizagem e ideal para a socialização. O centro Rackets Pro conta com quatro professores de ténis e três de padel, oferecendo descontos aos alunos da ULisboa e de qualquer instituição do ensino superior. Dispõe ainda de um ginásio, um parque de estacionamento gratuito para os utentes, e

zonas de lazer e restauração.

Rumámos para o espaço de prática de golfe, que ocupa no Estádio uma área de 7 hectares. Trata-se de uma modalidade tecnicamente exigente, mas dirigida a um público alargado, e que pode ser praticada a partir dos cinco anos de idade. Vimos o campo de *Pitch & Putt*, uma especialidade do golfe tradicional com um percurso de seis buracos, jogada com um número menor de tacos, adequada para treinos de jogo curto. Numa hora e meia, por exemplo, é possível bater 24 bolas e dar duas voltas ao campo. Vimos também o *Driving Range*, uma zona de treino com 42 baias, 21 das quais cobertas, onde é possível bater bolas até 300 metros.

Ainda dentro do Estádio, visitámos o **Centro Médico do Campus da Cidade Universitária**, em funcionamento desde 2015 e situado no edifício que alberga também o

REARBORIZAÇÃO

Em janeiro de 2017, a ULisboa iniciou o projeto de rearborização dos espaços verdes do Estádio. É a primeira vez, desde a sua criação, que tem lugar uma intervenção deste tipo, motivada pela necessidade de garantir a sustentabilidade e a segurança de uma zona de utilização pública contínua.

Foi realizada uma avaliação do estado da mancha arbórea existente, com a colaboração da Câmara Municipal de Lisboa (CML), e 61 árvores serão abatidas por se encontrarem mortas ou em perigo de queda. Serão ainda eliminadas 14 árvores para a construção de um restaurante, na zona até agora ocupada por um parque de estacionamento selvagem, no cruzamento da Av. Egas Moniz com a Alameda da Azinhaga das Galhardas. Por sua vez, serão plantados 2783 novos exemplares de árvores, arbustos e herbáceas, mantendo o projeto de arborização concebido por António Viana Barreto, no final dos anos 50, com a escolha de espécies autóctones de modo a assegurar as suas adaptabilidade e sustentabilidade. A CML cedeu, dos seus viveiros, vá-

rios exemplares já com algum porte para que o impacto visual não seja acentuado.

Prevê-se que as várias fases de intervenção – remoção e plantação, que ocorrerão em simultâneo – estejam concluídas até abril de 2017, altura em que na Alameda da Azinhaga das Galhardas estarão plantados 22 freixos e 35 lóðãos-bastardos (substituindo 23 árvores mortas); no muro junto à Av. Prof. Egas Moniz, os 19 choupos apodrecidos serão substituídos por 11 casuarinas e 11 árvores-do-paráíso. É de destacar também a criação de novas áreas, nomeadamente um espaço verde com sombra junto ao Complexo de Piscinas, com a plantação de 16 abrunheiros-de-jardim, uma zona de árvores de frutos secos – com aveleiras, amendoeiras, castanheiros e nogueiras –, e ainda um pomar que terá exemplares de zambujeiro, figueira, macieira, pereira, cerejeira-doce e ameixeira.

No projeto está também contemplada a instalação de um novo sistema de rega que reaproveitará as águas das chuvas, os poços de captação de água já existentes e ainda a água renovada das piscinas. •

© Francisco Tegal / Grupo de Fotografia FFUL



1994

É construída a Sede Administrativa do Estádio, da autoria do arquiteto Karel Mariovet.

1995

Entra em funcionamento a Escola de Desportos de Combate, no Pavilhão 3.

10 de julho de 1997

É inaugurado o Complexo de Piscinas, com projeto de Frederico Valsassina Arquitectos.

17 de setembro de 2001

É inaugurado o Centro de Ténis, com projeto de remodelação de Frederico Valsassina Arquitectos.

2002

É construído o tanque de aprendizagem do Complexo de Piscinas.

2004

Os campos n.ºs 3 e 4, destinados às modalidades de Futebol 11, Futebol 7 e Rugby, são reconvertidos para piso de relva sintética.

2008

O campo de futebol n.º 7 é reconvertido para piso de relva sintética. É construído o campo de treino de golfe.

2009

São recuperadas as pistas de atletismo do Estádio de Honra e secundária.

25 de julho de 2013

O Estádio é integrado na Universidade de Lisboa como serviço autónomo – Decreto-Lei n.º 266-E/2012, de 31 de dezembro.

2015

O projeto «EULisboa, Cidade em Movimento» vence o Orçamento Participativo CML 2015.



CEDAR – Pavilhão polidesportivo



Piscina de 25 metros

Centro de Medicina Desportiva de Lisboa e a Autoridade Antidopagem de Portugal. Como indicou Cláudia Correia, disponibiliza as especialidades de Clínica Geral, Consulta do Viajante, Ginecologia, Medicina Preventiva, Oftalmologia, Psiquiatria e Psicologia (incluindo avaliações psicológicas), possuindo oito gabinetes, três dos quais destinados às consultas de Psicologia. Desde janeiro de 2017, conta com um serviço concessionado de Fisioterapia e Bem-Estar – MoveOn Físio –, com desconto de 30% para a comunidade académica da ULisboa.

A comunidade académica e a população em geral podem ainda utilizar os serviços do **Centro Médico do Campus da Ajuda**, localizado no Complexo Desportivo da Ajuda, mais conhecido como CEDAR – Centro de Atividade Física e Recreação –, para onde nos deslocámos. Possui quatro gabinetes, onde são disponibilizadas consultas de Clínica Geral, Medicina Dentária, Planeamento Fa-

miliar, Psicologia e Psiquiatria. No caso das consultas de Medicina Dentária, o rastreio é gratuito para bolsеiros, estudantes, funcionários e familiares da ULisboa. O Estádio gere ainda, através dos seus Centros Médicos, a realização de consultas de Medicina do Trabalho, para os colaboradores dos Serviços Centrais da ULisboa e das Escolas aderentes.

Terminámos o dia no **Complexo Desportivo da Ajuda**, que dispõe de um dos maiores pavilhões cobertos do Estádio, com iluminação e ventilação naturais fornecidas por quatro torres de configuração longitudinal. Aqui são praticadas as modalidades de Futsal, Basquetebol, Voleibol, Andebol e Corfebol. O horário nobre de utilização deste espaço é a partir das 19h30, com os treinos da equipa de Futsal do Sport Lisboa e Benfica; das 16h às 19h30, as instalações são cedidas às Associações de Estudantes da ULisboa.

O Complexo compreende ainda quatro estúdios para a prática de *Fitness*: a

sala América, utilizada maioritariamente no período da manhã pela Universidade Sénior da Ajuda, com a qual o Complexo mantém um protocolo; a sala Oceânia, a mais utilizada para aulas de grupo; a sala África, usada principalmente para aulas de *Cycling*; e a sala Ásia, para atividades diversas. Junto à sala África são organizados cursos de primeiros socorros, e existe também um gabinete para avaliações corporais e físicas. Além destes estúdios, o Complexo dispõe da maior sala equipada com aparelhos de cardiofitness do Estádio – a sala Europa, com cerca de 500 m². Os balneários para os utentes dispõem de uma sauna.

Próximo do Parque Florestal de Monsanto e da Tapada da Ajuda, o Complexo presta-se à prática de atividades ao ar livre. Em outubro de 2016 foram criados o Grupo da Corrida e o Grupo da Caminhada, cujas atividades decorrem às segundas-feiras, nos trilhos de terra batida de Monsanto. •

«EULISBOA, CIDADE EM MOVIMENTO»

O ESTÁDIO UNIVERSITÁRIO NO ORÇAMENTO PARTICIPATIVO CML 2015

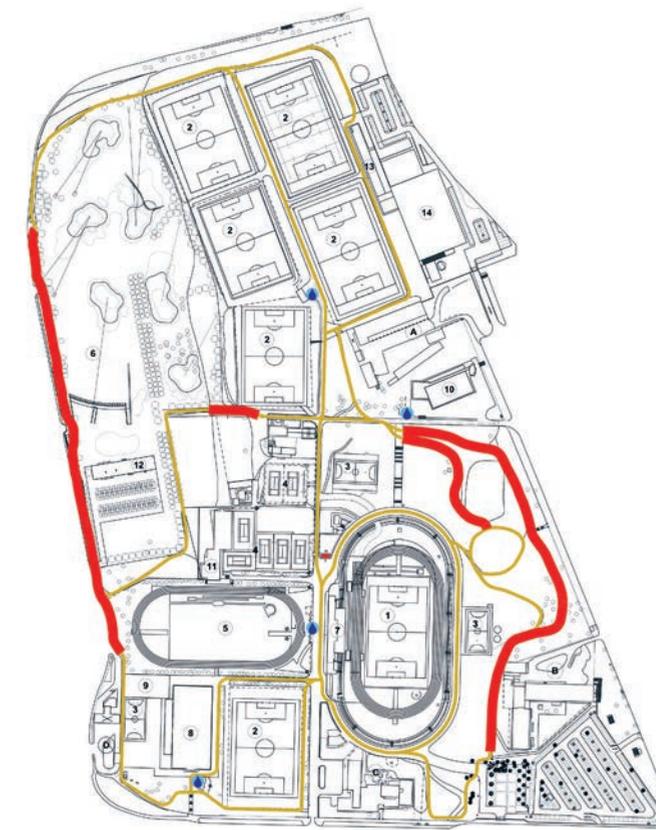
O projeto «EULisboa, Cidade em Movimento» foi um dos vencedores em 2015 do Orçamento Participativo da Câmara Municipal de Lisboa, com um orçamento de cerca de 150.000 euros. Os principais objetivos do projeto são a melhoria das condições dos utentes que realizam atividades físicas ao ar livre no Estádio, e a redução da sua pegada ecológica. A partir do segundo trimestre de 2017, o projeto vai intervir nos circuitos de corrida, no circuito de manutenção, e na iluminação.

Os percursos de corrida do Estádio incluem três circuitos com distâncias de 1.000, 2.000 e 3.000 m, uma pista com séries de 500 m, e um troço de ciclovia integrado na rede da cidade de Lisboa. O projeto prevê a instalação, junto ao Estádio de Honra, de um painel informativo no início dos três circuitos de corrida e da pista de séries; a instalação de marcadores de distância de 250 em 250 metros; a recuperação dos percursos de corrida com piso deteriorado, em particular nas zonas com piso de saibro, e a criação de canais de escoamento das águas superficiais, visando a preservação desse material.

As estações de exercício que acompanham os vários percursos de corrida, em evidente estado de degradação, vão ser substituídas. Está prevista a instalação de um novo circuito de manutenção contínuo – de 1.500 a 2.000 m – com nove estações, cujos equipamentos permitem a realização de dois exercícios diferentes. As opções de exercício vão ser explicadas e ilustradas nos painéis informativos que acompanham cada estação. Haverá, para utentes com mobilidade reduzida, um percurso alternativo, com 1.250 m; em mais de metade das estações, os equipamentos estão preparados para serem utilizados por invisuais.

Tendo em conta a elevada utilização dos percursos de corrida e do circuito de manutenção a partir das seis da tarde, bem como a inexistência de pontos de luz em várias zonas do Estádio, vão ser colocados 40 candeeiros alimentados a energia solar, espaçados de 20 a 25 metros, ao longo de três troços de corrida.

O projeto inclui a construção, num terreiro sem utilização permanente situado no interior do Estádio – com cerca de 2.200 m² –, de um campo de areia com as dimensões de 32 x 42 m. Dada a escassa quantidade em Lisboa de infraestruturas que permitem a prática de modalidades de praia como futebol, rugby e voleibol, a implantação deste campo de areia contribuirá para o incentivo e a diversificação da prática desportiva do Estádio. •



Circuitos de corrida a recuperar



GINÁSIO MUSEU LEAL DE OLIVEIRA

PATRIMÓNIO E MOTRICIDADE

Na página anterior

Os equipamentos de ginástica sueca no Ginásio Museu Leal de Oliveira

Nesta página

O ginásio feminino em 1955



O Ginásio Museu Leal de Oliveira espelha a história da Faculdade de Motricidade Humana (FMH), que completa em 2017 o seu 77.º aniversário.

À entrada do Ginásio, uma placa informativa apresenta uma curta biografia de António Francisco Palermo Leal de Oliveira (1894-1977), personalidade que dá o nome ao espaço. Além de ter sido um dos fundadores, em 1930, da Escola Superior de Educação Física, então da Sociedade de Geografia de Lisboa, contribuiu para a criação do Instituto Nacional de Educação Física (INEF), em 1940, instituição de que foi diretor e subdiretor. Leal de Oliveira estudou na Bélgica, e da Suécia trouxe o método de Ling, ao qual se convencionou chamar «ginástica sueca», tendo sido um dos seus principais promotores em Portugal. A ginástica de Pehr Henrik Ling (1776-1839) era uma ginástica formativa e higiénica, direcionada para a correção da postura e caracterizada por uma relativa rigidez de movimentos. Um dos seus fundamentos era a ideia de que a educação física era fundamental para a formação moral de um povo, podendo ser contrastada com a ginástica alemã de Friedrich Ludwig Jahn (1778-1852), que está na base da ginástica artística.

Construído de raiz no edifício da Cruz Quebrada – ocupado pelo INEF em 1954, e sede da FMH –, o Ginásio Museu Leal de Oliveira era, à época da sua inauguração,

feminino. Como assinalam as professoras Ana Santos e Leonor Moniz Pereira, conviveram desde sempre neste espaço várias teorias de exercício físico, uma vez que a evolução técnica dos equipamentos utilizados foi acompanhando o desenvolvimento dos estudos sobre o corpo humano e a sua motricidade. Uma das características marcantes do Ginásio – dito também Ginásio B – é a preservação dos equipamentos associados aos métodos das ginásticas de Ling e de Jahn, sobrevivência que contribui para o interesse museológico do lugar. É possível encontrar exemplares de equipamentos antigos, como: plintos; cavalos, incluindo um cavalo de arçães; boques; mesas alemãs; trampolins; cordas verticais; traves; trapézios; postes de salto em altura; dois espelhos com esquadria, para a análise da postura; um quadro, na parede do fundo. Os espaldares cobrem uma área considerável das paredes do Ginásio. Estes equipamentos, habitualmente arrumados ao fundo da sala, coexistem com materiais mais modernos, como *steps* e bolas de pilates, guardados à entrada. Existe também uma pequena sala que já serviu como laboratório de observação da motricidade das crianças que aí tinham aulas de ginástica.

Apesar de estarem em bom estado, os equipamentos de ginástica sueca do Ginásio B não têm hoje muito uso. A par da sua dimensão museológica, o Ginásio é utilizado para a realização de aulas de grupo como dança, *step*, aeróbica, folclore, ou ginástica adaptada. Decorrem aí também *workshops*, demonstrações de dança, tertúlias e cerimónias públicas da FMH – por exemplo, foi no Ginásio que, em 2009, José Mourinho recebeu o Doutoramento *Honoris Causa*.

Abaixo do Ginásio B está situado, no piso 0, o Ginásio A – dito de ginástica artística –, antes destinado aos rapazes. Embora seja exatamente igual ao primeiro do ponto de vista estrutural – e no que diz respeito a alguns dos equipamentos antigos, já que possui também um quadro e espaldares –, o Ginásio A tem hoje uma utilização mais dinâmica do que o seu par do primeiro piso. No momento em que o visitámos, decorria uma aula de ginástica infantil. Além de colchões de dimensões e cores variadas, dispõe de um fosso coberto de esponjas, que permite realizar saltos em segurança.

É de referir a existência, no piso 2, de um terceiro ginásio – o «Ginásio Kiyoshi Kobayashi», também designado Ginásio C –, onde se praticam judo e outros desportos de combate. •

Sara Magalhães completou em 2004 o seu doutoramento na Universidade de Amesterdão. Depois disso, realizou dois pós-doutoramentos: o primeiro na Universidade de Montpellier e o segundo no Instituto Gulbenkian de Ciência. É atualmente professora auxiliar no Departamento de Biologia Animal e investigadora do cE3c – Centro de Ecologia, Evolução e Alterações Ambientais, ambos da Faculdade de Ciências da ULisboa.



Sara Magalhães (à esquerda) com a sua equipa atual

SARA MAGALHÃES

GANHOU, EM DEZEMBRO DE 2016, UMA ERC CONSOLIDATOR GRANT – A PRIMEIRA, EM PORTUGAL, ATRIBUÍDA À ÁREA DE ECOLOGIA E EVOLUÇÃO.

Destinada a projetos de investigadores jovens, com um percurso científico de excelência, que pretendem consolidar a sua carreira e equipa de investigação, a *ERC Consolidator Grant* agora atribuída a Sara Magalhães tem o valor de 1.999.275 milhões de euros e financiará o projeto *COMPCON – Competition under (niche) construction* («COMPCON – Competição sob construção do nicho»). Este terá início em maio de 2017 e decorrerá nos próximos cinco anos. A investigadora colaborará com Alison Duncan (Universidade de Montpellier) e Cristina Branquinho (cE3c); estando neste momento a trabalhar com uma equipa de oito pessoas, contratará mais dez para este projeto.

Na área de Ecologia e Evolução existem duas interações importantes entre espécies: a predação e a competição, que estão na base da maioria dos ecossistemas. O projeto de Sara Magalhães pretende responder a uma questão fundamental no que diz respeito à competição: de que forma é que esta interação tem consequências para a evolução das espécies. A investigadora explica que só recentemente se percebeu que a ecologia e a evolução operam à mesma velocidade, ocorrendo em simultâneo. Enquanto a ecologia se refere ao aumento ou diminuição do número de organismos numa espécie, a evolução diz respeito à mudança das frequências alélicas das populações, ou seja, à mudança das suas características ao longo do tempo. As implicações desta ocorrência simultânea para a predação já estão estudadas, mas o mesmo não se verifica em relação à competição. A especificidade da competição reside no facto de existirem vários organismos a competir por um mesmo recurso essencial à sua sobrevivência – alimento, espaço ou par-

ceiro sexual. Neste processo, verifica-se uma diminuição dos recursos disponíveis, mas também é possível, em alguns casos, que o organismo consiga alterar para seu próprio benefício o recurso pelo qual está a competir, transformando o ambiente em que se encontra – dá-se então a designada «construção do nicho».

Para perceber as implicações deste fenómeno para a evolução, Sara Magalhães vai realizar experiências com duas espécies de ácaros-aranha – *Tetranychus urticae* e *Tetranychus ludeni* – e duas espécies de tomateiros: um normal e um mutante. Verifica-se que, quando os ácaros *T. urticae* se alimentam do tomateiro normal, este ativa as suas defesas, diminuindo a sua qualidade e dificultando a obtenção de alimento. Por sua vez, quando os ácaros *T. ludeni* se alimentam desta mesma planta, dá-se a reação contrária: a planta diminui as suas defesas e tanto a alimentação dos ácaros *T. ludeni* quanto a dos ácaros *T. urticae*, a espécie competidora, se torna mais fácil. Em suma, o ambiente torna-se melhor para as duas espécies e para a própria planta: todos beneficiam. Como e em que condições é que este processo se realiza ao longo do tempo, e quais as consequências do mesmo para a evolução são as questões às quais o projeto da investigadora está em condições de responder. Isto porque haverá um grupo de controlo com o tomateiro mutante: a interação de qualquer uma das duas espécies de ácaro com esta planta não ativa as defesas da mesma, ou seja, não há construção de nicho. Havendo dois ambientes diferentes, será possível controlar o desenvolvimento de um e de outro, e perceber qual o papel da construção do nicho na evolução. Neste sentido, o projeto é único, permitindo compreender como as espécies evoluem e competem. •